

Turismo Cultural: Património Literário Português do Jogo do Pau na oferta de novas experiências turísticas

Lídia Aguiar¹

Rita Ribeiro²

Resumo

Estando, ainda, numa fase embrionária, o Turismo Literário, inicia timidamente o seu desenvolvimento em Portugal. Surge, como se irá constatar, como uma vertente do Turismo Cultural, onde se diferencia por ser uma alternativa ao turismo de massas. Esta tipologia turística associa-se às paisagens, mas também ao património material e imaterial, permitindo ao turista leitor vivenciar os destinos turísticos através de novos olhares. No presente estudo, abordam-se conceitos centrais relacionados com o turismo literário e como os autores marcam de forma inigualável cidades, vilas e aldeias. Metodologicamente, foi elaborada a necessária revisão de bibliografia, apresentando-se, em seguida, uma análise de dados sobre o que tem vindo a ser feito em Portugal para implementação do turismo literário. Por fim, e através de uma específica pesquisa e revisão bibliográfico- documental centrada sobre a produção literária portuguesa que

¹ Licenciada em História. Mestre em Turismo e Desenvolvimento de Negócios. Doutora em Ciências do Turismo, pela Universidade de Girona. É professora coordenadora no Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo – ISCET, na cidade do Porto. Tem centrado a sua atividade na investigação de projetos, em diversas áreas a decorrer no Centro de Investigação Interdisciplinar e Intervenção Comunitária (CIIC), no ISCET, sendo também investigadora integrada do CITCEM, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no Grupo Territórios, Paisagens e Ambiente. Dedicar-se à área da investigação aplicada aos itinerários turísticos e culturais e à investigação em sustentabilidade turística em territórios de baixa densidade. Participa em vários Congressos Nacionais e Internacionais. Tem vários artigos publicados nas áreas de investigação.

² É também no Centro de Investigação Interdisciplinar e Intervenção Comunitária (CIIC), no ISCET, que Rita Ribeiro desenvolve trabalho de investigação. É Técnica Superior em Itinerários Turísticos e Promoção do Património, tendo estagiado com a Equipe de Investigação que trabalhou na Candidatura do Jogo do Pau a Património Imaterial de Portugal. É Licenciada em Turismo pelo ISCET. Apresentou como projeto de final de curso o tema: Turismo literário/ Percurso de autor: José Saramago: *Viagem do Elefante e a Viagem a Portugal*. Possui publicação na área em estudo.

melhor retrata a tradição do Jogo do Pau, que em dezembro de 2023 obteve, através da designação de Jogo do Pau de Cabeceiras de Basto, a classificação de Património Imaterial de Portugal, foi possível compilar um *Corpus* Literário significativo, constituído por 4 autores e 4 romances, cuja descrição se desenvolve, demonstrando quanto a literatura e esta maestria se interligam com os lugares e tradições, contribuindo, para a divulgação deste jogo tradicional e para novas experiências turísticas.

Palavras-Chave: Turismo Cultural; Destinos turísticos literários; Literatura e experiências turísticas

Cultural Tourism: Portuguese Literary heritage of the stick game providing new touristic experiences

Summary

Literary Tourism, still in an embryonic phase, is timidly beginning its development in Portugal. It appears, as you will see, as an aspect of Cultural Tourism, where it differentiates itself by being an alternative to mass tourism. This tourist typology is associated with landscapes, but also with material and immaterial heritage, allowing the tourist reader to experience tourist destinations through new perspectives. In this study, central concepts related to literary tourism and how authors mark cities, towns and villages are addressed in an unparalleled way. Methodologically, the necessary bibliographical references were prepared, followed by a data analysis on what has been done in Portugal to implement literary tourism. Finally, and through specific research and bibliographical-documentary review focused on the Portuguese literary production that best portrays the tradition of “Jogo do Pau”, which in December 2023 obtained, through the designation of “Jogo do Pau de Cabeceiras de Basto”, the classification of Intangible Heritage of Portugal, it was possible to compile a significant Literary Corpus, consisting of 4 authors and 4 novels, whose description is developed, demonstrating how much literature and this mastery are interconnected with places and traditions, contributing to the dissemination of this traditional game and new tourist experiences.

Keywords: Cultural Tourism; Literary tourist destinations; Literature and tourist experiences; the “ Stick Game” in the literature

1 - Introdução

Neste artigo pretende-se apresentar o Turismo Literário como uma vertente do Turismo Cultural, sustentado numa revisão de bibliografia, onde se demonstrará também a sua importância para os destinos turísticos, pela sua diferenciação e, muito em particular, pelo público-alvo que atinge. Como se poderá constatar, este público é exigente, pois apresenta-se com níveis de formação académica elevados, no entanto, uma vez que, por norma, viaja durante todo o ano, pode quebrar ciclos de sazonalidade.

O segundo capítulo foca-se nos dados fornecidos pelo Turismo de Portugal I.P. sobre a situação atual do Turismo Literário em Portugal, revelando-se principais tendências e financiamentos deste organismo. É, ainda, feita uma breve análise destes dados através do cruzamento dos elementos obtidos na revisão de bibliografia, de forma a aferir se Portugal está a seguir no terreno o que a academia preconiza para o Turismo Literário.

Por último, dedica-se um capítulo à apresentação de um Corpus Literário acerca do Jogo do Pau, uma tradição portuguesa que se encontra bem expressa na nossa literatura, por vezes com descrição, não só da maestria, mas também do meio social onde esta se desenvolveu, incluindo algumas paisagens que nos remetem para a sociedade rural e campesina, onde ela teve origem.

Através desta apresentação e análise pretendeu-se demonstrar que é possível através da literatura manter vivas memórias e tradições, contribuindo-se, assim, para a divulgação desta arte que, por via do Turismo Literário, muito tem para oferecer em experiências turísticas aos destinos que retratados nas obras literárias, assim queiram aproveitar esta oferta turística diferenciadora.

2- Definição de Turismo Literário

O Turismo Literário caracteriza-se por incidir sobre o património cultural de cidades, vilas e aldeias, por vezes com tal pormenor que o leitor é capaz de identificar o local onde decorre a trama. Por norma, as obras literárias refletem a cultura popular, modos de vida, tradições e descrevem paisagens sobre os lugares retratados (Milheiro, 2020).

Portugal, apresenta-se com boas condições para explorar o Turismo Literário em diversos destinos, pelo facto de vários dos seus escritores serem reconhecidos, quer dentro quer fora do país. São também vários os exemplos de casas-museu, de itinerários literários desenvolvidos a partir da vida e obra desses autores.

Neste seguimento, pode considerar-se importante que o leitor tenha um papel ativo, tornando-se um coautor da obra literária, ao abrir novas perspetivas na sua relação com a mesma, nomeadamente através da idealização de um itinerário literário, elemento-chave para a releitura e reinterpretação da literatura, bem como da cultura, tradições e paisagens, através do seu olhar de leitor-turista/turista-leitor, permitindo-se a uma vivência única do espaço real onde a obra se enquadra (Milheiro, 2020).

É dentro deste contexto que o Turismo Literário pode ser definido como uma vertente do Turismo Cultural, já que as obras literárias se desenrolam em determinados locais que estão relacionados com relatos, descrições e acontecimentos, quer seja de ficção ou inspirada em factos reais (Hebert, 2001).

Com efeito, ninguém viaja até Paris sem pensar em Balzac, logo se informando de como pode vivenciar um pouco dos seus roteiros. O Cemitério Père Lachaise é de visita incontornável, para uma tarde de reflexão junto ao seu túmulo. De igual forma, percorrer a Rue des Fluers, largamente descrita por Balzac, que cortando o Boulevard Raspail, se dirige em linha quase reta aos Jardins do Luxemburgo, onde o viajante poderá ter vivências literárias de personagens reais e míticas que por lá deambularam. Na mesma linha, podemos citar a cidade de Copenhaga que, com a sua sereia, evoca o conto de Hans Christian Anderson, que servem de meros exemplos entre tantos outros lugares. (Pascoal, 2019). Neste sentido, são vários os autores que abordam o Turismo Literário como um fenómeno que explora todos os meios através dos quais os destinos turísticos podem beneficiar, sob a forma de marcas de destino (*branding* territorial) e, inclusivamente, estratégias de marketing (Hoppen, Brown, & Fyall, 2014).

Como já referido, Portugal possuiu inúmeros autores de renome conhecidos a nível nacional e internacional. Destaca-se, entre eles, sem dúvida, José Saramago, com uma vasta obra traduzida em várias línguas, para além do seu Prémio Nobel. Tem a Casa Fundação José Saramago no centro da cidade de Lisboa e várias rotas inspiradas nos seus livros (Turismo de Portugal, 2023).

Das obras de José Saramago, importa destacar no presente trabalho quando no seu livro *Bagagem do Viajante* refere o seu avô como jogador do jogo de pau, na aldeia em que vivia e que jogara contra os seus rivais, por causa do namoro com a sua avó, pois revela que também este autor de referência conhecia o tradicional Jogo do Pau, do qual iremos fazer um breve *Corpus literário*.

Com efeito, a literatura é cultura e daí o turismo que dela se apropria é o turismo cultural, neste caso particular através da experiência turística, pois o leitor vivencia e interpreta com plena liberdade a obra que leu e da qual vai à procura da sua paisagem, das tradições que absorveu, do património descrito, ou seja, o turista/viajante procura integrar-se e assimilar com a maior realidade possível, tudo o que lhe foi descrito na obra literária (Coutinho, Faria, & Faria, 2016).

Nestas circunstâncias, os romances e novelas em que o Jogo do Pau é referido vão suscitar a curiosidade pelo jogo e pela respetiva vivência, seja pelo futuro Museu do Jogo do Pau, seja por uma Rota Literária ligada à temática.

2.1- Importância do turismo literário para os destinos turísticos

O Turismo Literário apresenta um elevado potencial, na medida em que não é replicável noutros locais, sobretudo num contexto em que os turistas procuram cada vez mais experiências únicas e autênticas (Carvalho & Baptista, 2015). Nesta conjuntura, pode concluir-se que esta tipologia de turismo está vocacionada para um turista muito exigente, sempre na busca de novas sensações e emoções, mas também conhecimentos que possa experienciar, com tempo de se relacionar com o meio em que escolheu se inserir, fator este, não valorizado pelo turismo de massas (Queiroz, 2017).

Referem, ainda, alguns autores, que este nicho do turismo cultural, além de ajudar a quebrar a sazonalidade, permite o alargamento da oferta turística a territórios desfavorecidos turisticamente, mas com elevado potencial nas paisagens literárias e no património cultural (Carvalho & Fernandes, 2017).

É exemplo, a “Rota Turística Viagem do Elefante”, inspirada na obra de José Saramago, Viagem do Elefante. Partindo de Lisboa, dirige-se a Figueira de Castelo Rodrigo, percorrendo todo um largo território do interior de Portugal e de Baixa Densidade.

Com efeito, o património literário possibilita a associação de uma vasta oferta de atividades e experiências turísticas, consagrando a possibilidades de desenvolvimento local, permitindo, também, criar uma marca territorial, já que literatura identifica e diferencia os destinos turísticos (Carvalho & Fernandes, 2017).

Segundo Queiroz (2017), pode apresentar-se sob diversas vertentes: locais de nascimento, vida e morte dos autores; locais de paisagem e tradições ligadas a um acervo literário; itinerários de autores ou de um *corpus literário* temático.

Tem ainda a capacidade para aumentar a atratividade de locais com menor procura, durante a época baixa, já que há uma maior proporção de turistas culturais que se desloca no inverno (Carvalho & Baptista, 2015).

Por outro lado, pode contribuir para o prolongamento da estadia dos turistas e conseqüente aumento das receitas, bem como atrair turistas com um nível de formação superior (Hebert, 2001).

Desta forma, conclui-se que a globalização de que o Turismo Cultural, por vezes tem vindo a ser alvo, pode ser quebrada através de nichos de mercado, como o Turismo Literário. A força do património a ele associado permite preservar a singularidade e a identidade dos locais e tradições que descreve (Carvalho & Fernandes, 2017).

3- Metodologia e Análise de dados

Como metodologia, procedeu-se a uma revisão de bibliografia, sendo, assim, possível perceber como se encontrava o estado da arte, ao nível do Turismo Literário. Tornava-se essencial ter a perceção exata dos autores sobre esta temática e como estes encaravam os benefícios económicos e culturais para os destinos/regiões que investissem nesta tipologia de turismo. Verificou-se ser um turismo que deriva do turismo cultural, mas que é específico para determinado público, pelo que não se adapta ao turismo de massas. Este conhecimento tornou-se essencial para a fase de análise de dados.

Nesta segunda fase, contou-se com a colaboração do Turismo de Portugal, que em abril de 2023, enviou os dados relativos aos investimentos cofinanciados pela entidade, o que permitiu ter uma noção clara, após uma análise profunda e sustentada na revisão de bibliografia, da evolução deste produto turístico no território nacional.

3.1- Análise de dados

Segundo os dados estatísticos fornecidos pelo Turismo de Portugal, em abril de 2023, entre projetos de Turismo Literário aprovados, em curso e já concluídos, verifica-se um investimento que ascende a um total de 2.416.326.33€, tendo sido cofinanciados por esta entidade 721.433.49€.

Neste mês, existiam, ainda, projetos em avaliação, pelo que não foram incluídos. O Turismo de Portugal tem consciência de que subsistem projetos que aguardam candidatura a futuras linhas de financiamento.

Foram 12 os projetos de Turismo Literário financiados pelo Turismo de Portugal até abril de 2023.

Projetos Concluídos:

- Casa Fernando Pessoa – Uma casa para todos – Lisboa
- Casa Miguel Torga – Sabrosa
- Turismo Literário em Elvas; Chave do Reino: 3 Rotas – Elvas
 - Rota de Escritor – António Sardinha
 - Rota de Obra Literária – A Cruz do Corcovado de Camilo Castelo Branco
 - Rota de Obra Literária – O Hissope de António Dinis da Cruz e Silva

Projetos Aprovados

- Revisitar Mário Saa – O pensamento, a obra, o Homem e a relação com os espaços – Casa de Escritor – Avis
- Casa-Museu Ruy – Casa de escritor – Rio Maior
- Turismo Literário, escritos na planície – Rotas Literárias – Beja

Projetos em Curso

- Rota Turística “Viagem do Elefante”, vários concelhos de Lisboa a Figueira de Castelo Rodrigo, recria a obra de José Saramago

- Roteiro Literário “Levantado do Chão” 3 concelhos de Lisboa a Montemor-o-Novo, recria a obra de José Saramago
- Centro Interpretativo José Luís Peixoto/Rota Literária Galveias em Ponte de Sor
- Centro Interpretativo Camilo em Passos, Casa de Escritor, parque e percursos, em Fafe
- Rede de Turismo Literário do Alentejo e Ribatejo, inúmeros concelhos, casas de autor e rotas
- Biblioteca Afonso Cruz/Era uma vez, Casa dos Livros, em Sousel

Perante o descrito, segundo a informação enviada pelo Turismo de Portugal, constata-se que dos projetos já concluídos fazem parte duas casas de autor, sendo uma em Lisboa, a segunda em Sabrosa, e três rotas em Elvas.

No que diz respeito aos projetos aprovados, não é possível uma análise, dado que ainda não existe qualquer informação sobre os mesmos.

Já no que se refere aos que se encontram em curso, seis ao todo, foi possível identificar a evolução em 5 deles. Dois são rotas literárias inspiradas em obras de José Saramago, outros dois são centros interpretativos de autor, aos quais estão agregados pequenos percursos locais e por último identificou-se uma biblioteca.

Pode, ainda, concluir-se que as rotas literárias predominam, pois, mesmo na maioria das casas de autor ou centros interpretativos, é-lhes adicionada uma rota ou um percurso local. Assim, verifica-se que à exceção da Casa Fernando Pessoa, em Lisboa, todos os investimentos estão a ser colocados em territórios de baixa densidade. Salvaguardando-se duas rotas, que, partindo de Lisboa, logo se dirigem a concelhos de Baixa Densidade.

Segundo a revisão de bibliografia, na atualidade, geógrafos, historiadores, antropólogos e até artistas plásticos vêm defendendo a capacidade da literatura em atribuir aos locais retratados novos significados, permitindo desta forma novos olhares. O escritor transmite ao seu leitor uma aceção diversa sobre o lugar, o que lhe irá permitir o seu próprio constructo social e mesmo cultural.

Neste contexto, as representações literárias tornam-se uma fonte de desenvolvimento do turismo cultural, pela influência das obras nos turistas/visitantes no momento de

programar as visitas a lugares, através do apelo que a literatura fez à sua imaginação, onde adiciona uma maior vontade de aprendizagem (Milheiro, 2020).

4 – Corpus Literário sobre o Jogo do Pau

Neste capítulo, e através de uma pesquisa específica e revisão bibliográfico-documental, centrada na produção literária portuguesa que melhor retrata o Jogo do Pau, tema cujo estudo ganha especial recorte e densidade com a mobilização e análise destas fontes literárias e documentais específicas, compilou-se um *Corpus* Literário, constituído por 4 autores e 4 romances, cuja descrição biobibliográfica se desenvolve a seguir.

Como nota introdutória, é de referir que o Jogo do Pau, começou por ser uma técnica de luta com uma arma barata (o Pau) a que o homem tinha acesso com facilidade. Sabe-se que na região norte de Portugal, nomeadamente no Minho, se desenvolveu uma técnica de defesa/ataque muito apurada e grandes mestres ficaram com o seu nome marcado na história deste jogo, por serem, praticamente, invencíveis.

Esta maestria desenvolveu-se muito, em especial, em comunidades rurais e, preferencialmente, com predominância para o pastoreio. O pau era utilizado quer para conduzir o gado, o rebanho na montanha, ou como arma de defesa de um qualquer perigo que surgisse. Esta tipologia de jogo, que, atualmente, se mantém, nomeadamente, em Cabeceiras de Basto, onde a arte foi classificada como Património Imaterial de Portugal, é uma tradição que representa a arte de defesa/ataque das antigas sociedades rurais, nunca tendo o objetivo de ser usado como jogo de competição.

O Jogo do Pau de Cabeceiras de Basto, tal como foi classificado pela DGPC, a 30 de novembro de 2023, mantém toda a tradição e os grupos que o praticam neste concelho, inserem-se na paisagem rural, onde o jogo teve origem e se desenvolveu.

O *corpus* literário constituído resultou de uma pesquisa documental sistemática e de uma criteriosa seleção, onde apesar das histórias não serem História, pode o leitor aperceber-se de factos que não se afastam da verdadeira realidade, que se inserem nas paisagens descritas, transportando-nos ao microcosmo da sociedade rural e campesina, das suas sociabilidades e mentalidades, enfim, a todo um quotidiano que lhe foi inerente e de que os romances se fazem eco, evocando paixões e tragédias.

A interpretação analítica dos romances selecionados, para além do enredo, argumento e personagens ficcionalmente construídos, permite perceber singularidades fundamentais das sociedades rurais: as micro sociedades, vivências e transformações, as mobilidades de pessoas e condições de trabalho, tudo inserido no espaço e no tempo, enfim toda uma história quotidiana dos que (sobre)viveram bem a isso, cruzando o território, emigrando e dos que ficaram mantendo as tradições.

As características de uma sociedade, eminentemente, rural e algumas das suas realidades, as vivências de comunidades e indivíduos que cada autor pretendeu reconstruir literariamente, transportam o leitor a um mundo real vivido, embora recriado em linguagem ficcional mais ou menos realista, profundamente enraizada no e do imaginário popular.

Finalmente, apresenta-se o *Corpus* literário, onde se inclui Miguel Torga, Aquilino Ribeiro, Camilo Castelo Branco e Augustina Bessa Luís:

Miguel Torga (1943) 1ª edição, **Senhor Ventura**, Coimbra, Atlântida.

Miguel Torga, pseudónimo de Adolfo Correia da Rocha, nasceu na aldeia de São Martinho de Anta, em Sabrosa, Trás-os-Montes.

Frequentou Medicina em Coimbra, terminando o curso em 1933, indo exercitar a profissão de médico para Miranda do Corvo. Alguns anos mais tarde, regressa à cidade de Coimbra onde se fixa definitivamente. É a partir de 1936 que começa a utilizar o pseudónimo que o tornou célebre. A sua obra em prosa, poesia e teatro é reconhecida mundialmente.

O conto *Senhor Ventura* é um conto que retrata a vida de um português que irá viajar pelo mundo. Neste conto, a personagem principal saiu de Penedono, no Alentejo, na idade de cumprir o serviço militar. Fez a recruta em Lisboa e logo foi mobilizado para Macau. Nesta ex-província ultramarina, o *Sr. Ventura* perde-se de amores por Júlia, uma linda moça, filha do secretário do Governador. Apresentada a queixa, o comandante manda fazer guarda rigorosa durante a noite, sendo o *Sr. Ventura* quase apanhado. Não lhe sobrou outra hipótese que não fugir rápido para o porto e embarcar no primeiro navio que zarpassse. Foi, desta forma, dado como fugitivo, pelo que não poderia voltar nos anos mais próximos a Portugal. Aportou em Pequim, onde começou a trabalhar numa garagem e aí conheceu o Pereira, de alcunha o Minhoto, também ele desertor. Com uns dinheiritos que

juntou e dado que o Pereira tinha um jeito especial para cozinhar, abriu numa rua escura, junto ao porto, um pequeno restaurante de comida portuguesa. O negócio proliferava e o Pereira trabalhava arduamente, enquanto o Sr. Ventura só vinha dar uma ajuda nos dias de mais movimento (Torga, 1943).

Um dia, porém, uns marinheiros americanos deram cabo daquela felicidade. Entraram, começaram a carregar no Porto, embebedaram-se, e às tantas insultaram o Minhoto. Sem saberem os coitados, que o Pereira, além de cozinhar assim, jogava o pau. (...) Mas o Pereira cerrou-lhes os lábios de uma assentada. Salta para o meio deles, malha daqui, torce dali, parecia que estava a varrer a festa de São Bento da Porta Aberta. (Torga, 1943: pp 33)

Através deste excerto, podemos verificar que o Pereira, de alcunha o Minhoto, pelo que se depreende ser do Minho, onde a arte do Jogo do Pau, sempre foi dominada, praticamente, por todos os rapazes, mesmo longe da sua terra natal soube resolver a quezília com a maestria da sua arte. O autor refere ainda o “varrer a festa”, termo utilizado, na época, quando em qualquer romaria ou feira se verificavam acertos de contas, onde o pau era a arma utilizada. Nestas feiras e romarias, era normal estes varrimentos, todavia não em Pequim.

Aquilino Ribeiro (1958), Bertrand Editora, 1ª edição: Setembro 2011, **Malhadinhas** capítulos: Capítulo 2, pág. 31 até 33.

Aquilino Ribeiro nasceu na Beira Alta, concelho de Sernancelhe em 1885 e morreu em Lisboa em 1963. Em setembro de 2007, por votação geral da Assembleia da República, o seu corpo foi conservado no Panteão Nacional.

O *Malhadinhas* foi uma das mais conhecidas obras de Aquilino Ribeiro. Em forma de monólogo, a obra conta-nos a história de um almocreve, o *Malhadinhas*, oriundo de profundas serras, que pela descrição nos transportam até à Beira Alta, matreiro, sem problemas em usar a «*faquinha*» que traz sempre consigo, defende-se à navalhada e **golpes de pau**, dos inimigos com que se vai deparando ao longo dos caminhos e da vida. O *Malhadinhas* transporta-nos a um Portugal quase esquecido, nas suas vivências, sociabilidades e tradições, dentre as quais o Jogo do Pau. (Ribeiro, 2011)

A ensarilhar a racha com tanta gana e fantasia que nem doido varrido a perseguir mosquitos á paulada. E, com grande alarde, desafiava o mais pintado para o jogo do pau, a perder ou ganhar uma moeda. (...)

- Isto é um varredor de feiras temível. Está para nascer o primeiro que lhe faça sombra (Ribeiro, 2011: pp 31)

- Pois seja lá como quiser. Tem um Pau? - Tenho um pau. (...) O pau dele era um nadinha mais alto que o meu, o meu um pouco mais grosso que o dele, segunda desvantagem nisto de florear gentilezas. Mas tão-pouco aceitei se tirassem à sorte os paus ou se igualassem, arranjando outros ou cortando no maior. Riscou campo o valentão, por prosápia, que tal não é de moda, e logo se plantou em posição de parar, pau a escorregar para a perna esquerda, mãos à devida altura. (Ribeiro,2011: pp 32-33).

Camilo Castelo Branco; Noites de Lamego 2ª edição; Lisboa; Publicações Europa-América, Pág. 86 até 92, *Como ela o amava!* (conto inserido na obra Noites de Lamego) – Camilo Castelo Branco (2º edição – 1999)

Camilo Castelo Branco nasceu, em 1825, em Lisboa e faleceu, em 1890, em S. Miguel de Seide (V. N. de Famalicão). Com uma breve passagem pelo curso de Medicina, estreia-se nas letras, em 1845 e, em 1851, publica o seu primeiro romance, Anátema.

Em 1860, na sequência de um processo de adultério desencadeado pelo marido de Ana Plácido, com quem mantinha um relacionamento amoroso desde 1856, Camilo e Ana Plácido são presos, acabando absolvidos no ano seguinte por D. Pedro V.

Entre 1862 e 1863, Camilo publica onze novelas e romances, atingindo uma notoriedade dificilmente igualável. Tornou-se o primeiro escritor profissional em Portugal, dotado de uma capacidade prodigiosa para escrever a partir da observação da sociedade. Considerado o expoente máximo do romantismo em Portugal, autor de obras como *Amor de Perdição*, *A Queda dum Anjo* e *Eusébio Macário*, Camilo Castelo Branco, cego e impossibilitado de escrever, suicidou-se com um tiro de revólver a 1 de junho de 1890.

No conto *Como ela o amava!* Camilo Castelo Branco transporta-nos até Cavez, freguesia de Cabeceiras de Basto. Retrata os amores de Isabelinha do Reguengo, moça bem-parecida, que é disputada por dois homens. Quezília esta que, por norma, se resolvia com um bom jogo do pau.

Na noite de São Bartolomeu, de 23 para 24 de agosto, dia da festa em Cavez, irá dar-se o acerto de contas (Castelo Branco, 1999)

Na verdade, a moça começara um namoro com um morgado, José Pacheco de Andrade, filho do capitão-mor de Basto, sendo que tudo apontava que o teria trocado por Vítor de Mondim. Como se irá constatar no final, Isabelinha do Reguengo mantinha em segredo um terceiro e verdadeiro amor com João Lobo de Cerva, que irá integrar o grupo do morgado. (Castelo Branco, 1999)

(...) oito dias antes mandara demolhar em poças um braçado de paus para lhes dar elastério e assim cingirem-se melhor com as costas das vítimas. (...) Por nove horas da noite do dia 23, saímos em malta, caminho da ponte de Cavez, uma légua distante. Por volta das onze da noite fizemos alta numa aldeia chamada Arosa, convizinha dos montados por onde se estendia o arraial. Ali se reuniu connosco uma esturdia que vinha de Cerva, e nesta os mais graúdos brigões da comarca (...)
(Castelo Branco, 1999 pp 87)

Tinha começado a luta. A ronda de Cerva avançava da parte dalém; a de Mondim, recebendo aquele movimento como sinal de batalha, avançou também. (...) De repente, os de Cerva fizeram pé atrás; os de Mondim também. E por momentos reinou um silêncio, que devia ser como a serenidade de um céu torvo de borrascas na intercadência de dois raios. Que suspensão fora aquela? (...) Isabel do Reguengo se lançara entre as vanguardas dos combatentes e bradara: matem-me a mim primeiro! (Castelo Branco, 1999 pp 89)

Através deste excerto pode constatar-se a força das mulheres. Bastou que Isabel se interpusesse no meio da paulada, para que tudo ficasse suspenso. Mas iria continuar, já que quezílias por mulheres nunca se deixavam por resolver.

Aí por volta das três horas vieram parlamentários dalém, propondo passagem livre das rondas de parte a parte. O morgado tomou a si o encargo de responder tartamudeou:

- Não há convenções! O mundo acaba-se aqui hoje! (...)Os parlamentários foram repetir com gravidade as palavras (...) (Castelo Branco, 1999 pp 90)

Tentada a concórdia entre as partes, pois já se previa um final trágico, os do lado do morgado de Basto, onde se incluía João Lobo, logo declararam não aceitar

qualquer acordo. Nem que o mundo terminasse naquele dia. A honra tinha de ser vingada.

Rapazes! à ponte!

Ergueram-se todos (...)

- A eles!

Uma voz estridente se fez ouvir por sobre a algazarra dos brados e toada da música. Era Vítor de Mondim que bradava:

- João Lobo de Cerva!

- Quem me chama?

- É Vítor de Mondim.

- Aqui estou.

- Se és homem, sai sozinho, que eu também saio ao meio da ponte.

- Nunca o Diabo te mostrou homem mais homem! Aí vou. (Castelo Branco, 1999 pp 90-91)

Naquele ano, a feira de S. Bartolomeu ficou marcada pela morte dos dois pretendentes de Isabel do Reguengo, num acerto de contas sobre a ponte de Cavez, forma tradicional de resolver qualquer quezília no Norte de Portugal e, muito em particular, no Concelho de Cabeceiras de Basto.

Agustina Bessa Luís (1954) **A Sibila**; Romance; Guimarães Editores; 9ª edição.

Agustina Bessa-Luís foi uma das mais importantes escritoras da literatura portuguesa contemporânea.

Nasceu em Vila Meã, Amarante, no dia 15 de outubro de 1922 e morreu no Porto, a 3 de junho de 2019.

Além de escritora, foi ainda diretora do jornal O Primeiro de Janeiro, do Teatro Nacional D. Maria II e fez parte da Alta Autoridade para a Comunicação Social.

Publicado em 1954, *A Sibila*, geograficamente remete-nos para um ambiente eminentemente rural, com todas as características do norte de Portugal, sendo que, pelo rigor da descrição da sociedade, da paisagem, da gastronomia e mesmo alguns topónimos usados, tudo leve a acreditar que a autora se inspirasse na sua terra natal.

As mulheres aparecem em duas vertentes, as que são lutadoras e determinadas e aquelas que se deixam enredar pelos homens apenas pela sua aparência e claro pela sua arte do manejo do pau.

O romance inicia com a figura de Francisco Teixeira e um pedido de casamento a Maria. O casamento realiza-se após nove anos, continuando o noivo a ser um galã e a percorrer feiras, onde se evidenciava pela sua arte no jogo do pau (Luís, 1954).

Conhecera Francisco Teixeira numa tarde de romaria que ela presenciava da sacada aberta sobre o largo da povoação em festa;

Subitamente, um redemoinho de desordem ferveu, alastrando logo com o correr de cachopos que se arrastavam sob as pernas do povilêu, e o escândalo ainda morno, ainda lento, das mulheres que reajustavam na nuca os lenços de algodão e buscavam no poial das portas um degrau seguro para abrigadamente presenciarem. Mas a luta embraveceu, magotes como vagas chocaram-se, confluindo das margens do lago ouvia-se entre gritos o seco rumor dos paus que embatiam, estalavam, eram lançados longe, caindo sobre as tendas ou arraiais das louceiras. E, então, numa clareira que se foi desenhando mais vazia, mais circular, destacou-se o pequeno vulto de Francisco Teixeira que avançava, grave e tranquilo, repelindo à sua volta o eriçado dos marmeleiros que combatiam, iam cedendo, recuavam, dispersando nas alas da multidão que se agitava, ondulando como um corpo que voga na maré. Havia sangue; (Luís, 1995 pp 14-15).

Que me interessa essa gente? -dizia.

A quem pode interessar o José do Telhado.

Maria fazia má cara, como sempre, a esta referência ao famoso quadrilheiro, outrora amigo íntimo e mestre de jogo do pau de Francisco Teixeira. (...) tinham ambos conservado uma discreta amizade, um fundo de tolerância mútua, que se compreendia sem se comprometer. (Luís, 1995 pp 27).

Todo o romance se desenrola, no norte de Portugal, descrevendo bem um mundo campesino, fechado, onde homens e mulheres adquiriam forças díspares. Se, por um lado, o homem se impunha pela lei da força, a mulher demonstra uma capacidade de resiliência que lhe permitia a sobrevivência e mesmo a gestão da casa que, a caminho da falência, consegue reerguer através da sua astúcia para a administração quotidiana, na dura vida

campesina, contra todas as vicissitudes a que estava sujeita, por um mundo dominado pela força dos homens.

Apresentar um breve corpus literário tornou-se interessante para que o nosso leitor, e eventual turista literário, tenha a verdadeira noção de quanto esta arte tinha impacto nas sociedades campesinas e como escritores de renome a conheciam e a souberam retratar nos seus romances de uma forma tão realista. Saliente-se que a escolha foi difícil, dado o elevado acervo de romances que retratam esta arte.

A escolha recaiu em Miguel Torga, por transportar as pauladas bem longe do seu território de origem, vincando como a arte depois de apreendida fica no sangue de qualquer bom filho da terra.

Aquilino Ribeiro que nos levou até à região das beiras e suas montanhas, descrevendo como o pau também era utilizado pelos astutos almocreves, nas suas andanças pelo mundo rural.

Augustina Bessa Luís deu voz às mulheres, por vezes esquecidas, perante a força imposta no masculino.

Por último, Camilo Castelo Branco transportou-nos com todo o realismo até Cavez, local onde verdadeiramente se pode, ainda hoje, vivenciar a paisagem, a ponte e tudo quanto nos é descrito por Camilo Castelo Branco. A Feira de São Bartolomeu ainda se realiza todos os anos e aí se pode assistir à tradição do Jogo do Pau, atualmente apresentada como Património Imaterial de Portugal, através da Escola de Bucos, Cabeceiras de Basto.

5 – Conclusão

Neste artigo, abordou-se o Turismo Literário, através de uma revisão de literatura, podendo-se concluir que esta tipologia turística é considerada por uma larga faixa de autores, como uma vertente do Turismo Cultural. Sabendo-se que este último é um dos maiores motores da economia do turismo, individualizou-se o turista literário e a sua importância para os destinos turísticos. Com efeito, verificou-se consenso entre autores, quando opinam que o Turismo Literário abrange um público específico, por norma com elevado grau de formação académica, pelo que se afasta do turismo de massas. É,

também, um turista com maior poder de compra e que, por norma, viaja todo o ano, o que permitirá aos destinos que investirem no Turismo Literário, quebrar a sua sazonalidade.

Verificou-se, ainda, através de uma análise de dados fornecidos pelo Turismo de Portugal I.P., em abril de 2023, os investimentos que estão a ser feitos em Portugal, concluídos e em curso, apresentando-se algumas conclusões. Com efeito, observou-se que num país, como Portugal, com autores reputados e uma vasta obra literária que refere, não só cidades, mas também o interior do país, as suas tradições, vivências sociais, hábitos e costumes, seria de investir mais nesta tipologia de produto turístico, nomeadamente, através de rotas literárias, de forma a proporcionar novas e únicas experiências turísticas.

Por último, apresentou-se brevemente a tradição do Jogo do Pau, que, em dezembro de 2023, foi classificado pela DGCP como Património Imaterial de Portugal, com a designação de “Jogo do Pau de Cabeceiras de Basto”. A esta introdução, seguiu-se a compilação de textos de 4 autores portugueses, onde se encontra representada esta maestria.

Pretendeu-se, assim, demonstrar a pertinência em incorporar no Turismo Literário esta tradição, agora Património Imaterial de Portugal, para que o Turista/leitor procure os locais e a vivência da arte do jogo do pau, porque, ainda, é possível viver a tradição. Mantenha-se ela viva e contribuamos, todos, para a não deixar cair no esquecimento.

Bibliografia

- Carvalho, I., & Baptista, M. (2015). Perspetivas sobre o Turismo Literário em Portugal. *Turismo & Desenvolvimento n°24*, 55-68.
- Carvalho, P., & Fernandes, S. (2017). *Património e Turismo Literário: Leiria Queiroziana* pp 579-593 DOI:https://doi.org/10.14195/978-989-26-1343-7_31. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Castelo Branco, C. (1999). *Noites de Lamego conto Como ela o amava* pp 86-92. Lisboa: Europa América .
- Coutinho, F., Faria, D., & Faria, S. (2016). Turismo Literário: uma análise sobre atratividade, imagem e imaginário . *Albuquerque - Revista de História vol 8 julh/dez* , 31-50.
- Hebert, D. (2001). Litary places, tourism and the heritage experience . *Annals of Tourism Research* 28 (2), 312-333.
- Hoppen, A., Brown, L., & Fyall, A. (2014). Litery tourism: Opportunities and challenges for the marketing and branding of destination . *Journal of Destination Marketing & Management n°3*, 37-47.
- Luís, A. B. (1954). *A Sibila* . Guimarães Editora: Lisboa .
- Milheiro, E. (2020). O Turismo Literário Como elemento valorizador do Património Cultural de Portalegre. *Portalegre: Aprender - Revista da ESECS do IPP*, 100-116.
- Pascoal, S. (2019). Smart tect para a otimização do turismo literário: o projeto the route. *Dos Algarves - A Multidisciplinary e-journal vol 35* , 57 - 72.
- Queiroz, A. (2017). Landscape of Portugal in two Hundred years of narratives. *Portugueses Studies, Modern Humanities, Research Association vol 33 n°1*, 30-35.
- Ribeiro , A. (2011). *O Malhadinhas*. Lisboa: Bertrand Editora .
- Torga, M. (1943). *O Senhor Ventura*. Coimbra: Atlântida.